



O BRINCAR NA OCUPAÇÃO CAROLINA MARIA DE JESUS: ressignificações em uma ocupação urbana

Ana Paula Andrade ¹

Késsia Campos Procópio ²

Nayana Priscilla da Silveira Assis de Souza ³

RESUMO

O presente trabalho aborda resultados de pesquisa sobre o brincar na Ocupação Carolina Maria de Jesus (OCMJ), em Belo Horizonte, Minas Gerais, que buscou identificar e interpretar como crianças que residem na Ocupação ressignificam o espaço para o brincar e o lazer. Para pensarmos as ressignificações feitas pelas crianças e como cada uma delas se apropria do espaço da Ocupação, dialogamos com autores do campo do brincar e do campo dos movimentos sociais. Nomeamos duas categorias de análise, são elas: ressignificações de luta e resistência; e ressignificações do lazer. A pesquisa buscou estudar o brincar fora de ambiente escolar, considerando o mesmo em outros territórios. A partir da experiência de campo na Ocupação Carolina Maria de Jesus que envolveu oficinas de brincadeiras, colagem e desenho, entendemos como a criança se apropria desse espaço de luta e resistência. Pensar o brincar como a forma pela qual a criança se comunica é a sua linguagem para dialogar com o mundo ao seu redor e se apropriar do mesmo.

Palavras-chave: Resignificar, Brincar, Ocupação urbana, Ocupação Carolina Maria de Jesus.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda resultados de pesquisa desenvolvida para o trabalho de conclusão de curso no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais sobre o brincar na Ocupação Carolina Maria de Jesus (OCMJ), em Belo Horizonte, Minas Gerais, que buscou identificar e interpretar como crianças que residem na Ocupação ressignificam o espaço para o brincar e o lazer.

Para pensarmos as ressignificações feitas pelas crianças e como cada uma delas se apropria do espaço da Ocupação, dialogamos com autores do campo do brincar e do campo dos movimentos sociais.

O objetivo da pesquisa realizada foi identificar e interpretar como as crianças que residem na Ocupação Carolina Maria de Jesus localizada em Belo Horizonte ressignificam seu

¹ Professora da FaE UEMG, orientadora: Doutora em Educação pela UFRJ; Mestre em Educação pela UERJ, ana.andrade@uemg.br;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, camposkessia6@gmail.com;

³ Graduanda no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, nayana.0284592@discente.uemg.br.



espaço de moradia para brincar. Para realizar este objetivo geral, determinamos os seguintes objetivos específicos: compreender o sentido de infância para estas crianças; entender o que é o brincar para estas crianças; mapear as brincadeiras realizadas pelas crianças na Ocupação Carolina Maria de Jesus; compreender a influência do território no brincar: suas possibilidades e limitações.

Conhecer a Ocupação que leva o nome de Carolina Maria de Jesus nos levou a fazer o percurso de compreender quem foi esta importante mulher negra que se inscreveu na literatura nacional. Sua história, seus escritos, sua luta e sua importância para a literatura brasileira, vêm sendo reconhecida, homenageada e estudada por muitos que tentam de certa forma, reconhecer, valorizar e disseminar todo o conhecimento e vivência que Carolina deixou em seu legado. Sendo ela uma mulher, negra, favelada, catadora de papel e escritora, Carolina é símbolo de luta e resistência.

Assim como Carolina foi símbolo de luta e resistência em seu cotidiano diário, existem também as ocupações urbanas que são como símbolo da luta pelo direito à moradia, em que a resistência se faz essencial para operar na garantia deste direito.

Fruto das lutas por direito à moradia, as ocupações urbanas apropriam-se da cidade e reconstróem o seu espaço de vida no território para além do espaço geográfico, ressignificando-o a partir de sua identidade. Partindo desse pressuposto, buscamos conhecer como as crianças que residem na Ocupação Carolina Maria de Jesus se apropriam desses territórios, especificamente, como brincam e ressignificam os espaços do brincar e o próprio sentido de infância.

A escolha pela Ocupação Carolina Maria de Jesus se deu por dois principais motivos: possuir o nome de uma importante escritora negra brasileira, como já mencionamos; e o fato das crianças desta ocupação estarem sempre na garagem brincando de bola ou de correr, fato que chamou a nossa atenção ainda à época da Avenida Afonso Pena, local onde era o antigo endereço da ocupação, que se mudou para a rua Rio de Janeiro.

O brincar é uma prática importante para o desenvolvimento das crianças, pois está relacionado à aquisição de habilidades, bem como a sua inserção cultural. Diante disto, nos interessamos em compreender como essa prática é garantida e construída pelas crianças fora do espaço escolar, no âmbito do território, no seu espaço de moradia.

As questões que nortearam a pesquisa foram: Como é compreendida a infância nas ocupações urbanas? O que é o brincar neste espaço? Quais são as brincadeiras realizadas pelas



crianças das ocupações? Quais as limitações e possibilidades encontradas por elas ao realizarem tais brincadeiras? Como elas ressignificam os espaços do brincar?

A metodologia utilizada foi a partir da pesquisa do tipo etnográfica em educação que nos permitiu entender o funcionamento da Ocupação e o brincar com as crianças que lá moram. Também elaboramos e construímos oficinas com as crianças, que nos permitiu entender como essa linguagem é expressa por elas na Ocupação.

Nomeamos duas categorias de análise, são elas: ressignificações de luta e resistência; e ressignificações do lazer. A partir da experiência de campo na Ocupação Carolina Maria de Jesus que envolveu oficinas de brincadeiras, colagem e desenho, entendemos como a criança se apropria desse espaço de luta e resistência. Pensar o brincar como a forma pela qual a criança se comunica é a sua linguagem para dialogar com o mundo ao seu redor e se apropriar do mesmo.

METODOLOGIA

A metodologia usada foi a pesquisa do tipo etnográfica em educação, que, segundo André (2012), é uma adaptação da pesquisa etnográfica antropológica, uma vez que não precisa cumprir todos os requisitos desta metodologia, possibilitando ser utilizada na educação. Dessa forma, as características desse tipo de metodologia abordadas pelas autoras na pesquisa foram a observação participante na Ocupação; interação entre as pesquisadoras e as/os moradoras/es da Ocupação; ênfase no processo; busca da compreensão dos significados.

O trabalho de campo dentro de uma pesquisa do tipo etnográfica exige de quem pesquisa a inserção no local a ser pesquisado. Dessa forma, realizamos visitas a Ocupação e oficinas participativas diretamente com as crianças da mesma. Após cada momento de ida à Ocupação, cada integrante desta monografia fazia o seu relato individualmente; depois reuníamos, e fazíamos a descrição coletiva de cada visita.

Utilizar desenhos e colagens como recurso metodológico relaciona-se à possibilidade de compreender como as crianças veem o espaço do brincar na Ocupação, para, posteriormente, provocá-las a dizer o que é o brincar, partindo de sua perspectiva, fazendo com que a criança observe e reflita sobre o seu espaço, como, por exemplo, quantos cômodos existem destinados ao brincar na ocupação, áreas internas e externas, onde se brinca e onde não se brinca.

Para análise dos dados, adotamos o procedimento de interpretação das colagens, dos desenhos, bem como das falas das crianças sobre o brincar durante as oficinas, associando-as

às teorias construídas sobre o brincar. Este tipo de associação teórico-prática faz-se necessária, visando dar corpo teórico aos dados obtidos em campo, seja para confrontá-los ou apoiá-los.

REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, discorreremos sobre o brincar, ocupação e movimentos sociais de forma teórica e que possibilitou diálogos e, posteriormente, nossa análise. O brincar é apresentado aqui de forma histórica para o entendimento de que, para além de brincadeiras, também tem o caráter formativo e cultural. Paula e Silva Filho (2012, p. 188) apontam que “ao brincarem as crianças imprimem suas marcas culturais, compõem novas territorialidades a partir de seu pertencimento espacial e constroem histórias singulares dentro de uma complexa pluralidade.”.

Ao longo dos séculos, brinquedos e brincadeiras foram se resignificando. No período da Idade Média, não havia brinquedos ou brincadeiras específicas para as crianças, já que também eram consideradas como pequenos adultos. Até o século XVIII, ainda não havia uma produção especializada em brinquedos para crianças. Com o Iluminismo, a partir do século XVIII, a razão impera e é necessário justificar cada objeto, assim como os brinquedos. É neste momento que começam a criar brinquedos específicos para a criança, pois assim sempre há de haver um motivo específico para aquele determinado brinquedo.

A partir do momento em que o brinquedo ganha maiores dimensões, com a revolução industrial, põe-se a caminho e vai cada vez mais saindo do controle da família e pertencendo mais a criança; ou seja, no entendimento de que se percebeu que, a criança é diferente do adulto, o brinquedo e as roupas começaram a ser feitos para criança que não é mais um pequeno adulto.

Ao relacionar com o mundo a sua volta, a criança constrói sua própria identidade. A brincadeira então tem o papel de construção nas relações de uma criança, inclusive, a relação consigo.

É através da linguagem do brincar em que ela resignifica os espaços e objetos para a brincadeira em questão. Tal prática ocorre de forma natural, como um tapume que vira parede ou uma cadeira que vira porta. O espaço que a criança se encontra, como é o caso de uma ocupação urbana, que é o ambiente em que pesquisamos, é o lugar de luta por moradia e de grande resistência. Ao mesmo tempo, também é o lugar onde as crianças circulam e se encontram para brincar. Galera e Freitas (2019 p.1) completam dizendo que a “[...] experiência das Ocupações Urbanas, que dentro de um contexto de extrema exclusão e precariedade se dispõe a lutar pela moradia, pelo direito à cidade, pelo direito de rir e ser feliz na cidade.”.



Embora o ambiente da ocupação promova uma luta constante de todos aqueles que ali estão inseridos, esse espaço é ressignificado em busca de garantir direitos de convivência no lazer das pessoas que ali estão, como também no brincar das crianças. Da mesma forma:

Vale-nos retomar a resistência que é expressa das práticas e territórios de lazer dentro das ocupações urbanas. É visível que imerso a tanta adversidade e negação de direitos fundamentais, o jogo, o riso e a festa são formas se subverter a lógica perversa de exclusão social e produzir outros territórios, proclamando de forma radical o “Direito à cidade”. (GALERA; FREITAS, 2019, p. 19-20).

Entendendo, portanto, que o brincar é a linguagem da criança, o meio pelo qual ela se comunica com o mundo ao seu redor. E a ocupação, sendo o lugar aquele, em que se transforma a todo momento, a criança dialoga e cria uma relação mais próxima com esse espaço por meio do brincar. Ressignifica, assim, na prática de dar sentido às relações existentes que na ocupação giram, na maioria das vezes, pela luta à moradia, que tem como parceiros os movimentos sociais.

Até este ponto do texto percebemos quem foi Carolina M. de Jesus, entendemos o conceito de brincar ao longo da história, que está ligado diretamente com a concepção de criança/ infância de cada época. A seguir compreendemos como as questões de luta e resistência perpassam os movimentos sociais e as ocupações. Assim, no tópico seguinte, vemos como se deu a relação do brincar em um espaço de luta e resistência.

Os movimentos sociais cumprem um papel importante na sociedade contemporânea, uma vez que por meio de suas ações demandam do poder público garantias de direitos básicos da população em prol de melhores condições de vida. Gohn (2011, p. 335) define estes movimentos como “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”.

Ao fazer um panorama dos movimentos sociais, Gohn (2011) apresenta a existência de doze eixos temáticos de luta na contemporaneidade. No caso da Ocupação Carolina Maria de Jesus, ela se adequa ao eixo 1: “Movimentos sociais em torno da questão urbana pela inclusão social e por condições de habitabilidade nas cidades”, descrito por Gohn (2011), por estar inserida nos movimentos de luta acerca da questão de moradia e habitabilidade nas cidades.

Gohn (2011), Afonso (2001) e Wille (2005) nomeiam de formas distintas mas com conceituações semelhantes educação formal, não formal, informal (GOHN, 2011; WILLE (2005), ou processos educativos escolares e não escolares (AFONSO, 2001). O entendimento dessas formas nos mostram que os processos educativos na Ocupação contém a educação tanto das famílias quanto das ações e práticas coletivas organizadas dentro do mesmo.



Antes de mostrarmos o brincar na Ocupação, trazemos aqui como as ocupações se estruturam, especificamente, no Brasil. A privação de acesso à moradia é um dos problemas habitacionais no país. Segundo Lourenço (2014), no país, existe uma negligência histórica. O problema habitacional envolve diversos fatores que fazem com que muitas famílias tenham seus direitos negados, como acesso à moradia. Dessa forma, essas famílias se juntam a movimentos sociais, ou até mesmo a ações isoladas, em busca de espaços, lugares ou propriedades improdutivas como possíveis habitações.

Apesar do acesso à moradia ser um direito constitucional, a população, principalmente, as que estão nas camadas mais pobres, ficam aquém e buscam a ocupação como alternativa de busca por habitação.

Silva (2017) nos diz que ocupação é diferente de invasão. Ao ocupar, um lugar que está livre, ocioso, abandonado, muitas vezes com impostos atrasados, ou em situação de irregularidade, sem nenhuma função social. Já a invasão, a pessoa invade um local que tem sua situação regularizada, tem dono ou proprietário, que utiliza aquele local ou espaço, o que tornaria o ato de invadir um ato criminoso.

Distinguir estes dois termos, ocupar e invadir faz-se necessário para contradizer o que ainda hoje está tão impregnado no imaginário social. Ocupar seria, então, apropriar-se de um local ou espaço vago que possivelmente possa estar em desrespeito com a lei, dando ao espaço uma função social, e assim fazendo valer o direito à moradia.

Trazemos aqui um recorte, a história das ocupações em Belo Horizonte e região metropolitana. Esse recorte se dá pelo fato de que a Ocupação Carolina Maria de Jesus, se situa em Belo Horizonte.

No final do século XIX, o engenheiro Aarão Reis fez uma projeção que atendia somente a demandas particulares e não uma demanda social coletiva, atendendo apenas o funcionalismo público estadual, na área central da cidade delimitada pela Avenida do Contorno, que à época era a Avenida 7 de Dezembro. Naquela época, já começaram a surgir as primeiras ocupações, pois a cidade antes mesmo de ser inaugurada, já não alojava os trabalhadores pobres que estavam construindo a cidade. (LOURENÇO, 2014).

A partir de 1964, houve o crescimento de favelas e ocupações no entorno de Belo Horizonte devido ao acúmulo de capital e tornava-se cara as terras urbanas centrais. Somente em 1996, a insatisfação com o estado, que não trouxe soluções habitacionais para a população, fez com que alguns grupos se organizassem. Essa mobilização deu origem à ocupação Corumbiara, em um terreno particular no Vale do Jatobá, região do Barreiro.



Depois dessa ocupação, as ocupações urbanas cessaram em Belo Horizonte durante dez anos, coincidindo com o período que a política habitacional da prefeitura foi institucionalizada, levando alguns grupos de pessoas que não tinham casa a terem esperança de ter casa própria através da prefeitura.

Após esse período, a partir de 2006, novas ocupações se formaram na região metropolitana de Belo Horizonte, como a Caracol, João de Barro I, II e III, Camilo Torres, Dandara, Rosa Leão, Vitória e Esperança. (LOURENÇO, 2014). Assim, as ocupações urbanas tornaram-se também “um ato político de contestação e reivindicação” (DIAS *apud* DIAS; DECAT, 2018, p. 1164) de direitos civis e sociais.

Os movimentos que se constituíram e se unem para a luta e pelo direito à moradia são as Brigadas Populares, Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), e o Movimento Sem Terra (MST). (GONÇALVES et. al., 2020).

Com base nas discussões de Lourenço (2017) e dos dados de Gonçalves et. al. (2020) percebemos como os movimentos de luta e resistência buscam através das ocupações urbanas o acesso à moradia digna para si e suas famílias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa desenvolvida, temos dois tipos de resultado: desenhos e colagens das crianças; e as categorias de análise. Os desenhos e colagens foram realizados durante encontros, autorizados anteriormente com a Ocupação. Percebemos que seria necessário construir vínculo com as crianças, o que foi feito a partir de brincadeira.

No primeiro dia, iniciamos fazendo uma roda, onde todas as pessoas que ali estavam se apresentaram. Após as apresentações, fizemos uma brincadeira de roda, chamada “Lá vai a bola” e começamos uma conversa sobre o que se brinca ali, naquele espaço, dentro da Ocupação.

Nos relatos das crianças, apareceram várias brincadeiras: polícia e ladrão, pique esconde, futebol, casinha, videogame. As brincadeiras relatadas estavam relacionadas com brincadeiras que eles faziam também na escola não se limitando ao espaço da Ocupação.

Depois, pedimos que as crianças desenhassem o que gostam de brincar ou onde gostam de brincar. Nestes desenhos apareceram, brincar de casinha, brincar de futebol, esconde-esconde, polícia e ladrão, e verdade ou desafio.



No segundo dia, a nossa proposta era que nesse dia nós brincássemos com elas, levando algumas brincadeiras já estabelecidas por nós. São elas: “Batatinha-quente”, “Boi” e, por último, “Viuvinha”.

Após as nossas propostas, às crianças que já tinham feito um combinado com o monitor de brincarem de casinha, nos convidaram para brincar com elas. No espaço da creche, esse o qual estávamos, há disponíveis alguns tapetes de EVA que durante a brincadeira se transformaram em paredes. Tudo que havia disponível começava, então, a ser ressignificado pelas crianças para compor as casinhas construídas por elas. A cortina se transformou em telhado e as cadeiras se transformavam em divisórias de ambientes. As crianças compartilharam entre si, nessa brincadeira, a casa, a comida e o dia a dia, em um jogo de imaginação e recriação, tudo ganhava novos significados atribuídos por elas.

Dentro do grupo infantil, as crianças aprendem a obediência espontânea às regras estabelecidas, externas ou elaboradas pelas próprias crianças, com passagens da cultura adulta para a cultura infantil, com suas modificações. Como exemplo, temos as brincadeiras de casinha, de fazer comidinha. Elas trazem motivos da vida adulta, representam papéis sociais, de modo genérico, dentro do folguedo da cultura do grupo, colocando-a, de modo simbólico, em contato com atitudes, comportamentos, valores e instituições que caracterizam o indivíduo como pertencendo a certa comunidade, contribuindo para preservar, perpetuar e atualizar modelos de sentir, pensar ou de agir tradicionais deste patrimônio cultural. (CRUZ, 2005, p.80).

Percebemos que brincar de casinha é comum entre as crianças que residem na Ocupação, sendo essa a brincadeira que mais ocorre no espaço da creche. Portanto, a brincadeira mais escolhida pelas crianças.

No terceiro dia, fizemos a proposta da colagem e que foi aceita pelas crianças. Foi dada a orientação para que cada uma delas recortassem das revistas imagens que lembrassem o espaço da ocupação e também o que é o brincar para elas.

Ao analisar as revistas levadas por nós, uma das crianças questionou a falta de representatividade. Mencionou não haver pessoas negras nas imagens. Observamos que as crianças trouxeram das revistas as imagens relacionadas ao seu cotidiano, no entanto, ressignificando cada uma das imagens recortadas, uma vez que a representatividade realmente não se faz presente nas revistas, como mencionado pela criança acima. Ao término da colagem, coletamos as informações do que elas representavam. Esse momento foi feito individualmente, pois as crianças foram acabando a atividade em momentos diferentes.

O ressignificar do brincar com as crianças da Ocupação mostra como um lugar de luta, resistência e pressão pode ser um lugar de brincar, isto é, as crianças conseguem dar sentido para o brincar, mesmo em um ambiente tenso. Duas categorias de análise foram, então, nomeadas: “ressignificações de resistência e lutas”, e “ressignificações do lazer”.

Ressignificações de resistência e luta são apresentadas nas atividades realizadas pelas crianças a partir das relações e conflitos existentes ali. As crianças vivenciam a luta pela garantia de moradia, por água em todos os andares do prédio, pelo elevador que funcione, entre várias outras demandas da Ocupação.

Ao falarmos das Ocupações, a perspectiva aqui defendida é da produção cotidiana do espaço a partir de seu uso, do local, sem, contudo, diminuir a importância dos conflitos existentes em suas mais variadas escalas. E, sobretudo sem esquecer que este território é produzido a partir também de muita carência, sofrimento, humilhação que reforçam a subalternidade de grande parte do povo brasileiro. (GALERA; FREITAS, 2019, p. 14).

As crianças percebem o que Galera e Freitas (2019) descrevem ao escolherem imagens para a colagem que retratam ou simbolizam moradores de rua, pessoas com cara de dor de cabeça e conflitos.

A criança 2 recortou uma imagem em preto e branco que se refere a pessoas morando na rua. Ela sinalizou que se não estivessem lutando estariam morando na rua, mostrando consciência do que vivem.

A criança 3 recortou a imagem em que aparece uma manifestação e remeteu à ocupação. Recortou também homens sinalizando que eles eram o governador e o dono do imóvel onde estão ocupando. Do outro lado, colou pessoas com cara de dor. Sinalizou que as pessoas com dor estavam bravas e com dor de cabeça, porque o governador e o proprietário do imóvel não colaboram. Colou também uma porta sinalizando que ela representava que todo mundo deveria ter uma casa. Podemos perceber que a criança 3 entende o direito à moradia e que esta não depende exclusivamente das pessoas da ocupação.

Da mesma forma que as crianças 2 e 3, a criança 4 também recortou a imagem de pessoas nas ruas que representa uma das ações de luta da Ocupação, porque segundo ela remete ao dia em que ocuparam a prefeitura de Belo Horizonte para reivindicar a construção das moradias no terreno que a prefeitura diz ser para os moradores da Ocupação.

Além disso, a principal luta das pessoas da ocupação é pela moradia. Esse direito está presente o tempo todo na vida das crianças seja no dia a dia, nos momentos de lazer e nas brincadeiras. Presenciamos que a construção de casinhas, como está escrito no primeiro e segundo dias em que lá estivemos, permite se apropriarem do discurso de ter e de lutar por uma moradia. Nos desenhos aparecem casas, ilustrando de forma simbólica o que a moradia representa, conforme Cruz (2005) explica que a criança faz relação com a vida adulta e representações de papéis sociais.

Resistência e luta aparecem nas falas, nos desenhos e nas colagens das crianças expressando e reproduzindo o que elas vivenciam junto às suas famílias na Ocupação. Para Gohn (2011), os movimentos sociais são fontes e agências de produção do saber. Em seus

desenhos, colagens e relatos nos mostram o quão envolvidos com a luta por moradia essas crianças estão. Ao expressarem em qual situação estariam se não estivessem lutando por moradia, ao citarem governadores e donos dos imóveis como detentores do poder e por não se verem representadas nas figuras coletadas nas revistas.

Percebemos que o lazer é ressignificado de diversas maneiras, à medida que o foi ficando presente na fala de cada criança ao descrever a sua colagem. A ressignificação do lazer pelas crianças que residem na Ocupação Carolina Maria de Jesus está presente dentro do prédio e também extrapola aquele espaço. O espaço de lazer também é visto quando se ocupa outros lugares da cidade. Percebemos isso por meio das descrições em que localizamos o lazer inserido na fala das crianças; por exemplo, a criança 4, no relato de sua colagem, recortou a imagem do homem aranha e falou que lembrou do dia em que foi ao shopping com sua família.

Percebemos o lazer extrapolando o espaço da Ocupação e estando presente nos espaços da cidade, que entendemos como o direito à cidade, o qual é reivindicação também de uma ocupação urbana.

Já a criança 5 recortou imagens de pessoas reunidas e falou que essa imagem o fez lembrar a saída com amigos. Quando perguntado para onde vai com os amigos, falou que vai às festas na Praça da Estação, sendo que o último evento que participou foi um show. De acordo com Galera e Freitas (2019), o riso e a festa são formas de subverter a lógica perversa de exclusão social e produzir outros territórios. Ou seja, ir ao shopping, ou ir em festas na rua, são formas de ocupar a cidade.

No relato da criança 6, a imagem escolhida por ela foi de um grupo de meninas. Ela nos contou que ficam muito presas no espaço da ocupação e que deveriam sair mais, levando-se em consideração o espaço da ocupação ser um prédio. Os espaços da cidade são significados pelas crianças como lugares para o lazer. Como afirma Galera e Freitas (2019), a produção de outros territórios proclamam de forma radical o “direito à cidade”.

No entanto, o monitor da creche e as crianças ressignificam o espaço da ocupação em busca do lazer e de brincadeiras, como no relato da criança 7 que colou imagens que remetem ao Halloween, lembrando do momento semelhante a este que o monitor fez com as crianças.

Galera e Freitas (2019, p. 20) falam da “potência revolucionária” nos espaços criados de forma espontânea. Percebemos que isto aparece na Ocupação no brincar das crianças. O ambiente da Ocupação cria e recria o lazer a partir de seu cotidiano em busca de resistir. É a partir disso que todas as brincadeiras se ressignificam. Ocupar os espaços públicos da cidade, como forma de encontrar o lazer, torna-se também um ato de resistir.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empreendida sobre o brincar na Ocupação Carolina Maria de Jesus, em Belo Horizonte, buscou apresentar e compreender como as crianças que lá residem ressignificam seu espaço de moradia para brincar. Entendemos o brincar como a linguagem da criança, que é o meio pelo qual ela se comunica ao seu redor. Compreendemos que os movimentos sociais são movimentos de luta que se organizam em prol de demandas sociais para garantir direitos básicos para a população.

Ressaltamos que as ocupações são estratégias de luta por moradia para aqueles que são negligenciados pelo estado, tendo um dos seus direitos básicos negado e através da resistência ocupam espaços que não tem nenhuma função social.

Na OCMJ, quando em nossas visitas, observamos que as crianças reproduzem em suas brincadeiras, ações que remetem ao que os adultos falam e se apropriam das falas e termos usados em reuniões, assembleias, manifestações e etc., que são feitas em prol de melhoria para as famílias.

Percebemos que, na categoria “ressignificações de resistência e luta”, as crianças expressam suas aprendizagens no brincar, nos mostrando e comprovando o que os autores dizem de que os movimentos sociais e as ocupações são espaços de práticas educativas.

Já na categoria “ressignificação do lazer”, compreendemos as ressignificações do espaço para o lazer a partir de como as crianças utilizam o espaço da Ocupação para brincar, adaptando o que há nesse lugar. Brincam de casinha, polícia e ladrão, esconde esconde, e outras brincadeiras, como forma não só de ressignificar o espaço, mas também de ter e experienciar o lazer num local de pertencimento e não pertencimento que é a ocupação urbana, luta pelo direito à moradia.

Na busca de uma compreensão sobre a infância e o seu brincar dentro da Ocupação Urbana Carolina Maria de Jesus, as oficinas elaboradas nos mostraram que mesmo dentro de um ambiente de resistência e luta constante, o espaço da ocupação pode ser ressignificado para o brincar e o lazer. Nesse processo, as crianças que residem na ocupação se envolvem com o meio em que vivem e se apropriam dessas vivências e em suas brincadeiras reproduzem a prática dos adultos.

REFERÊNCIAS



AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da educação IN Educação não-formal: cenários da criação. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, Margareth Brandini Park e Renata Sidero Fernandes. (orgs.) Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001. (p.29-38).

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18.ed. São Paulo: Editora Papirus, 2012.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002

CRUZ, Maria Cristina Meirelles Toledo. **Para uma educação da sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos**. São Paulo: Editora, 2005.

DIAS, Maria Tereza Fonsceca; Decat, Thiago Lopes. **Ocupações urbanas na região metropolitana de Belo Horizonte: redistribuição como reconhecimento na luta pelo exercício do direito à moradia adequada**. Belo Horizonte, Revista de direito da cidade, volume 10n°2 2018.

GALERA, Izabella; FREITAS, Tankilino Tulio Queiroz. Lazer, festa e cidade: o caráter revolucionário do brincar no contexto das ocupações urbanas. **Anais XVIII ENANPUR**, Natal, 2019, 27 a 31 de maio, p. 1-22. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienganpur/anais>. Acesso: 17 de agosto de 2020.

GONÇALVES, Bella; RAMOS, Bernardo; REIS, Gilson; FÉLIX, Maninho; PATRUS, Pedro. **Relatório Final do Grupo de Trabalho da Comissão de Direitos Humanos e Defesa do Consumidor sobre Direito à Moradia**. Belo Horizonte: Câmara Municipal de Belo Horizonte, 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor**. 5. ed., v. 26. São Paulo: Cortez, 2011.

LOURENÇO, Tiago Castelo Branco. **Cidade ocupada**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014

LOURENÇO, Tiago Castelo Branco. Ocupações urbanas em belo horizonte: conceitos e evidências das origens de um movimento social urbano. **Cadernos de arquitetura e urbanismo**, v. 24, n. 35, p. 182-216, 2017.

PAULA, Elaine de; SILVA FILHO, João Josué da. As brincadeiras das crianças de um quilombo catarinense: imaginação, criatividade e corporalidade. In: ARROYO; SILVA. **Corpo infância: exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis: Vozes, 2012. p.184-211.

SILVA, Carmem. Ocupação: saiba o que é, com Carmen Silva/ Prazer, eu sou!. (entrevista cedida a Regina Volpato). Canal Regina Volpato, 19 de julho de 2017. 1 vídeo (18min e 43s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=J64s0pQQIUw>. Acesso em 26 de setembro de 2020.

WILLE, Regiana Blank. Educação formal, não formal e informal; um estudo sobre processos de ensino aprendizagem musical de adolescentes, [em linha]- **Revista da Abem**, n. 13, p. 38-48, 2005. Disponível em: www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/323/253. Acesso em: 18/09/2020.